

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

Ana Paula dos Santos; Carmelita Maria Gomes; Laise Soares Lima

*Universidade Federal de Alagoas (UFAL); apaulaufal.2014@gmail.com; Carmen\_bermanely@hotmail.com; laisesoareslima@hotmail.com*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é destacar a importância da contação de histórias na educação infantil como ferramenta didático-pedagógica para o desenvolvimento de habilidades e competências na infância e o papel do professor enquanto mediador fundamental nesse processo. Assim, organizamos esse trabalho em dois momentos: no primeiro momento abordamos discursos relacionados a temática, que contribuem para consolidação da arte de contar histórias como fundamental, tanto como contribuinte no processo de ensino – aprendizagem quanto para a formação de grandes leitores; o segundo momento se fundamenta nas práticas que envolvem a contação de histórias, o que deve ser levado em consideração e qual a postura mais adequada do professor enquanto mediador desse processo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica - elaborada através da experiência vivenciada em uma apresentação acadêmica sobre a temática de contação de histórias no curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal de Alagoas - no qual propomos uma reflexão crítica e construtiva por meio de livros, artigos e outros materiais acadêmicos sobre a temática, por meio de escritos de autores que destacam como parte fundamental do processo de aprendizagem das crianças o estímulo e o gosto pela leitura, que se encontra insuficiente, de forma a se pensar novos elementos que favoreçam o enriquecimento e inovação das práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições de ensino, considerando o papel do professor como essencial para o desenvolvimento de aptidões através dessa arte, sendo aquele que contribui de forma efetiva para a formação de sujeitos críticos e autônomos, além, de futuros e bons ouvintes e leitores. É papel do professor despertar o prazer das crianças pela leitura e sua formação enquanto leitores ativos e com desempenho crítico, buscando novos métodos e elementos pedagógicos, que permitam que as atividades não sejam dadas de maneiras monótonas, se transformando assim, desagradáveis e sem muito incentivo para as crianças; levando em consideração o grupo de crianças que atende, os materiais de apoio utilizados e a organização do ambiente a ser realizada a prática literária. O trabalho de contação de histórias só permite o aprendizado e desenvolvimento integral da criança quando planejado intencionalmente, reconhecendo as crianças como participativas em todo processo educacional.

**Palavras-chave:** Contação de histórias, formação do leitor, literatura Infantil, práticas educativas.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao ler a obra de Brandão e Rosa (2016) cujo título é: “Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil”; no livro: “Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas”, foi nos proporcionado um encantamento pela abordagem das autoras sobre a prática de contação de histórias na educação infantil; ao mesmo tempo uma curiosidade de

compreender como esse trabalho pedagógico deve ser desenvolvido; impulsionando-nos a realizar uma pesquisa em torno dessa temática, o que resultou no presente trabalho.

A Contação de histórias é uma arte utilizada desde a origem do homem, até os tempos modernos, sendo durante muito tempo, antes mesmo do surgimento da escrita, instrumento de transmissão de conhecimentos. Este artigo, não se constitui necessariamente em abordar a história dessa arte, mas tem como objetivo pensá-la dentro das instituições de ensino, tendo como foco a Educação Infantil e o papel do educador durante todo esse processo.

É no contato com os livros, por meio da leitura, que as crianças são inseridas no mundo adulto, em diferentes contextos e culturas, e especialmente no mundo da imaginação; além de experimentarem sensações diversas, encontrando sentido no que se está sendo lido e percebendo que aqueles amontoados de palavras comunicam algo. E dessa forma, através da mediação do professor, são desenvolvidas na criança algumas aptidões de leitura e escrita, além de estimular a criticidade, a imaginação, suas expressões e criatividade, proporcionando um ambiente lúdico e estimulante.

Enquanto mediador, o professor precisa ir em busca de novos modos de abordagens, por isso a importância do planejamento de suas atividades - mesmo que estas pareçam não precisar - em prol de práticas nas quais estejam envolvidos os objetivos que vão contemplar elementos que incentivem à transformação de leitores críticos e ativos.

## **2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Para atingir os objetivos propostos nesse trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa na qual buscamos analisar obras científicas (em que tivemos contato direto) relacionadas ao nosso foco de estudo, procurando uma reflexão crítica sobre os textos consultados e incluídos nesta pesquisa. Tais leituras foram extraídas: do banco de teses e dissertações, revistas, periódicos e livros relacionados. Entre eles as obras de ALVES (2011); BRANDÃO (2016); LIPPI (2012); MATEUS (2014); PIRES (2011); ROSA (2016); que discutem sobre as práticas pedagógicas que envolvem os momentos de contação de histórias nas instituições de Educação Infantil, nos possibilitando uma reflexão crítica e construtiva no que se refere ao nosso objeto de estudo: “a contação de histórias”.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DE APTIDÕES NA INFÂNCIA**

As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem, desde que ele surgiu há milhões de anos atrás. Durante muito tempo, as narrativas foram a única forma de transmitir conhecimentos de uma geração à outra, sendo um dispositivo para a preservação cultural da sociedade. Estamos no século XXI, e mesmo com o surgimento da escrita, com as mídias e tecnologias que afloram em nosso cotidiano, dificultando sua utilização, a arte de contar histórias ainda se faz presente.

Essa prática é utilizada em alguns ambientes, entre eles, as instituições de ensino, em especial, as que atendem a etapa da Educação Infantil. Visto que a contação de histórias possibilita desenvolver habilidades e conhecimentos que favorecem no processo de aprendizagem, constituindo-se como ferramenta fundamental nas ações pedagógicas desenvolvidas nas instituições.

Na transição do século XVII para o XVIII, as crianças não eram reconhecidas como um ser histórico, social e de direitos. Pelo contrário, eram submetidas às mesmas tarefas e formas de tratamento que os adultos, sendo então consideradas como adultos em miniatura. Assim, além de compartilharem das mesmas funções, também compartilhavam da mesma cultura literária.

Com a ascensão da burguesia e reestruturação familiar, a criança passa a ser reconhecida como um ser possuidor de características particulares e que, portanto, as diferem dos adultos. É a partir de meados do século XVIII, que a literatura infantil passa a ganhar um maior espaço e surgem as primeiras produções infantis, realizadas por professores e pedagogos atuantes na área.

A contação de histórias decorre de um percurso histórico, que parte desde a criação do homem e aquisição da leitura e escrita, até a sociedade moderna, constituindo práticas de cultura:

A contação de histórias é atividade própria do incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os

fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES; apud. MATEUS, 2014, p. 56).

Há histórias que não se constituem de forma realista, ou seja, não se baseiam em fatos reais, mas, a partir do momento em que são expressas por meio da fala, passam a constituir significado. Essas histórias atuam de forma decisiva no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é através delas, que os costumes, as tradições, os valores e os conhecimentos são transmitidos de geração em geração.

A leitura de histórias na educação da infância possibilita a inserção da criança no mundo fictício. É muito comum se imaginar em uma determinada cena, vivendo um personagem ou interagindo com o enredo. Nesses momentos, torna-se perceptível a interligação entre as narrações e a imaginação da criança, que se encontra livre para guiar-se pela sua própria criatividade, sobre sua maneira particular de interpretar o que está ouvindo. Mas é preciso pensar as possibilidades dessas leituras em aspectos mais amplos.

BRANDÃO (2016, p. 41-42), ressalta:

A leitura de histórias permite ainda que as crianças aprendam sobre a direção da escrita, sobre a existência de outros sinais gráficos diferentes das letras, como os sinais de pontuação, podendo também localizar letras e palavras já conhecidas ou perceber rimas e a presença de palavras “dentro” de outras, conhecimentos importantes no processo de alfabetização.

As leituras de histórias realizadas em sala permitem a ampliação dos repertórios linguísticos das crianças. No decorrer da leitura feita com e pela professora, elas entram em contato com diferentes expressões, muitas até então desconhecidas, aprendem como se constituem os textos, a estrutura das frases e a colocação de palavras, resignificando conhecimentos que possivelmente contribuirão para o desenvolvimento do processo de escrita.

O primeiro contato com as obras literárias não exige o domínio do código escrito, visto que a criança pode interagir com a história e interpretá-la mesmo através das suas ilustrações. A contação de histórias possibilita ao leitor o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, sem que se precise necessariamente codificar e decodificar símbolos. “A aquisição de conhecimentos acontece primeiramente por meio da audição”. (LIPPI e FINK, 2012, p. 22). Dessa forma, a criança vai percebendo que os códigos ali representados possuem um significado e que a leitura é mais do que um amontoado de palavras sem sentido.

Proporcionando que as crianças construam seus próprios conhecimentos, tanto de si quanto do outro e do mundo no qual está inserida, as histórias podem divertir, emocionar, estimular (...) desenvolvendo concomitantemente além de habilidades cognitivas a sensibilidade. São inúmeras as vivências que a contação de histórias possibilita às crianças em sala de aula. Uma experiência positiva com a leitura de histórias, desperta prazer e estimula na criança o gosto, atribuindo sentido no que concerne ao aprender a ler. Partindo dessa perspectiva, é bem mais provável que de boas ouvintes elas se tornem futuramente grandes leitoras.

LIPPI e FINK (2012, p. 27-28) afirmam que “a prática da contação de história é o primeiro passo para a formação do leitor crítico”. A arte de contar histórias segundo os autores, cria o desejo na criança de sempre querer ouvir mais, descobrir novas coisas, conhecer outras histórias, adquirindo novos conhecimentos e formulando assim, suas próprias ideias e critérios:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Direito, Política, Sociologia, Antropologia, etc..., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... É poder pensar, duvidar, perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou se percebendo que se pode mudar de ideia... É saber criticar o que foi lido ou escutado e o que significou... É ter vontade de reler ou deixar de lado de vez... (CORTES; Apud. LIPPI e FINK, 2012, p. 28).

Utilizar a contação em sala, não só estimula a criação e imaginação da criança, como torna as atividades desenvolvidas pelo professor mais lúdicas, produtivas, prazerosas e estimulantes; promovendo uma aprendizagem e contribuindo significativamente para a formação de alunos leitores/críticos, além de funcionar como um estímulo para as crianças.

É preciso que ação de contar histórias se constitua definitivamente como uma metodologia enriquecedora das ações pedagógicas mediadas no espaço escolar. Não apenas pensada sob o caráter lúdico ou avaliativo, mas que, além disso, promova múltiplas aprendizagens e conhecimentos. Para que tudo isso possa se dar de maneira qualitativa é preciso que o professor se responsabilize em repensar suas metodologias e levar em consideração o seu planejamento, evitando pensar a prática de contação de histórias como uma atividade qualquer.





#### **4 O PAPEL DO PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR E CONTADOR DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Quando através da oralidade a criança tem acesso a histórias ou literaturas, ela passa a reconhecer aspectos e elementos que já fazem parte de seu mundo visual e também explorar novidades não conhecidas até então, ampliando seu conhecimento com relação ao que a cerca. Como nos diz Lippi e Fink (2012), o efeito causado pelas histórias nas crianças e o sentido que elas dão a mesma depende muito da maneira como essa história é exposta, da forma que é abordada e a importância que é atribuída a ela. Com base nisso, é preciso levar em consideração que o professor, como contador de histórias dentro da sala de aula, não deve desconsiderar o seu planejamento e nem a escolha das histórias a serem apresentadas como uma atividade qualquer, já que esta ajudará na ampliação de conhecimentos e aprendizagens das crianças, podendo levá-las a conhecer até mesmo mundos imaginários, despertar a curiosidade, mexer com o emocional e incentivar a leitura em busca de outras experiências.

Aproveitando que já citamos uma das maneiras de como abordar a contação de histórias - através da interpretação - um aspecto que não poderia deixar de ser frisado é o fato da importância que tem a relação do professor com a leitura para o desenvolvimento de contação de histórias, assim como também estar bem envolvido com as que serão levadas à sala de aula para um momento de prática. Quando o professor se planeja e conhece bem a história que vai interpretar ele consegue estimular através do personagem e da atuação a imaginação das crianças, despertando a atenção delas e criando um cenário de encantamento e surpresa, um momento de leitura diferente, com vida, possibilitando o desejo por mais leituras, descobertas e histórias.

“O professor pode alcançar muitos objetivos por meio dela, pois ler histórias para criança é uma atividade prazerosa, com a qual poderá fazê-la expressar suas próprias percepções de mundo” (ALVES, 2011, p. 12), assim como também amplia o conhecimento e pode até despertar o prazer pela leitura, que se tornou mais escassa com o acesso às tecnologias, como retrata Pires (2011). Não se pode dizer que a falta de leitura se dá apenas pela expansão das tecnologias, a ausência de incentivo e situações econômicas também podem ser influências nessa questão, além de outras possibilidades que surgem de contextos diferentes.

A partir do momento que a criança participa de uma roda de histórias e partilha também de experiências com seus colegas, na simplicidade de contar um acontecimento cotidiano ou recontar uma história que ouviu e até reclamar de algo que lhe aconteceu, enfim, são várias as possíveis situações que as crianças podem levar para esse momento (até as mais tímidas quando observam a dinâmica da prática se envolvem e interagem também), elas vão tornando seu campo de conhecimento mais amplo e diferenciado que aquelas que não vivenciam essa experiência, desenvolvendo uma postura social dentro do grupo e podendo reproduzir fora do ambiente escolar também.

As rodas de histórias também são momentos que estreitam a relação entre a criança e a realidade social e cultural: “Ao participar da roda, inicialmente como ouvinte, a criança vai ampliando suas formas de atuar no grupo, tornando seu aquilo que era originalmente uma ferramenta sociocultural (BRANDÃO; ROSA, 2016 p.38)”. As autoras vêm dizer que estas possibilitam aprendizagens para as crianças que podem ser representações de aspectos socioculturais e que complementam sua extensão de conhecimentos, assim como também possibilitam que as outras crianças tenham contato com sua postura social a medida que vai se dando a interação entre elas proporcionada nas práticas que oferecem a relação com os diversos conhecimentos.

As práticas que envolvem contação de histórias servem até mesmo para que o professor trabalhe com a aproximação da família e a aprendizagem dos seus filhos. As autoras Rosa e Brandão (2016) vêm nos apresentar um projeto desenvolvido com o objetivo de “propiciar que as famílias de um bairro popular pudessem compartilhar a leitura de um acervo de livros de boa qualidade, integrando-se, dessa forma, ao processo de alfabetização e letramento dos filhos (ROSA; BRANDÃO, 2016, p.172)”. O projeto Mala de Leitura proporciona o contato direto dos alunos com os livros, mesmo que não saibam ler eles levam até suas casas por alguns dias e pedem que seus pais, irmãos, parentes possam realizar essa atividade para eles, e até mesmo eles próprios interpretarem a história escrita no livro, com a imaginação.

Trabalhando na perspectiva de que nem todos os alunos têm condições de ter acesso à leitura de um livro fora da sala de aula, por tantos motivos, e as famílias estarem tão distantes do processo de aprendizagem de seus filhos, o professor pode utilizar dessas questões e desenvolver práticas semelhantes às do projeto Mala de Leitura, em busca de proporcionar um contato do aluno com a leitura ao mesmo tempo em que traz a família para o contexto educacional que seu filho se encontra:

Entende-se que o professor deva proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contato com a literatura. Por isso, ele deve planejar, organizar, construir e se necessário reconstruir suas práticas para que os resultados sejam significativos, deste modo o aluno, terá uma bagagem maior de conhecimento, e o professor perceberá nitidamente o enriquecimento de seu discípulo (PIRES 2011, p. 35).

Para que a criança desenvolva um interesse pela leitura e escrita é preciso um contato não superficial com os livros e as histórias, pelos quais o estímulo se torna maior e mais próximo. É como nos diz Brandão e Rosa (2016) a criança não irá despertar por si só o desejo pela leitura se esta não lhe for apresentada ou não estiver ao seu conhecimento, da mesma maneira que se torna deficiente e isenta de encantamento se apenas forem letras paradas e inexploradas. O professor quanto mediador tem o papel crucial de transformar as palavras dando-lhes vida e expressão, procurando sempre um sentido para as mesmas.

A dedicação do professor é crucial dentro do processo de estudo da literatura. A busca por inovações, despertando o gosto pela leitura por parte dos alunos entende-se que não é tarefa fácil, Pires (2011) vem ainda trazer alguns recursos que podem auxiliar nessa dinâmica de transformar o processo de contação de histórias numa atividade sempre inovadora, lúdica e atrativa. Dramatização, fantoches, máscaras, teatro de sombra e até mesmo o próprio livro ilustrado são alguns desses elementos apresentados.

## 5 CONCLUSÃO

Para de fato promover o desenvolvimento e formar leitores críticos e ativos torna-se necessário que o professor repense o seu papel como peça fundamental para a constituição de aprendizagens significativas, que não se limitam apenas ao que está escrito no texto. O próprio professor deve questionar, refletir, junto com as crianças sobre o que está sendo lido, para que as crianças desenvolvam sua criticidade, seus próprios conhecimentos e ideias sobre o outro e o cotidiano no qual está inserido.

A postura do professor e a importância que ele dá ao processo de contação de histórias são muito influentes sobre as práticas proporcionadas com o intuito de despertar o prazer das crianças pela leitura e sua formação enquanto leitores ativos e com desempenho crítico, através de buscas por novos métodos e elementos pedagógicos que não permitam que as



atividades de literatura sejam sempre dadas da mesma forma, se transformando assim, desagradáveis e sem muito incentivo para as crianças.

Por fim, pensar em inovações para as práticas requer também uma busca contínua, que se configura na formação do professor como pesquisador. Há a necessidade de o educador estar em constante procura em melhores formas de realizar suas práticas, levando em consideração o grupo de crianças que atende, os materiais de apoio utilizados e a organização do ambiente a ser realizada a prática literária.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia C. G. A contação de histórias na Educação Infantil como processo de formação de leitores. **Revista F@pciência**, Apucarana – PR, 2011. v.8, n.2. p. 11-15.

BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C.S. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: \_\_\_\_\_. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-51.

LIPPI, Elisiane A.; FINK, Alessandra T. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. **Vivências**. Vol. 8, N.14. Maio, 2012. p.20-31.

MATEUS, Ana do N. B.; et al. A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil. In: **Periódicos Puc Minas**, 2014. p. 54-69.

PIRES, Olivia da S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011. p. 1-37.

ROSA, Ester C. S.; BRANDÃO, Maria S. Projeto mala de leitura: aproximando a escola da família através da circulação de livros. In: BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C.S. (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 165-182.